

António
Lobo Antunes
Até Que
As Pedras
Se Tornem
Mais Leves
Que A Água

ANTÓNIO LOBO

Obra Completa
Edição *ne varietur* *

ANTUNES

ATÉ QUE AS PEDRAS SE TORNEM MAIS LEVES QUE A ÁGUA

Romance
1.ª edição

* Edição *ne varietur* de acordo com a vontade do autor
Fixação de texto
Norberto do Vale Cardoso



D. QUIXOTE



A minha mãe era prima direita deles, quer dizer prima direita do pai, não do filho preto que nunca foi seu filho embora o tratasse como filho e o preto o tratasse como pai, o primo da minha mãe trouxe-o da guerra em Angola, com cinco ou seis anos, ainda eu não era nascida, apareci depois e lembro-me do meu padrasto me responder, quando lhe perguntei o motivo do primo haver regressado com uma criança se calhar mais feliz lá nos sertões onde a encontrou, que quase todos os soldados voltavam com recordações, uma máscara, um boneco de pau, uma orelha numa garrafa de álcool, um garoto, um braço a menos, silêncios a meio das conversas em que se afastavam para muito longe continuando ali e no longe dava-me ideia que quase se ouviam tiros e gritos, o meu padrasto não andou em África por causa do pé boto mas vizinhos cá da aldeia andaram e eram diferentes dele, fugidios, bruscos, quase todos estranhos que bem ouvia as queixas das mulheres, sentados numa pedra, a meio da horta, a olharem para não sei quê ou escutando folhas de árvores que eu não conhecia, um qualquer em vez de afastar o cão com a bota degolou-o à sachada

– Larga-me

e ficou junto ao cadáver do bicho não atentando nele, a fumar, quando o cigarro acabou deu-me a impressão de permanecer que tempos fumando os dedos, a sobrinha deixou-lhe o almoço ao lado sem que tocasse na panela, eram os parentes, à noite, quem tratava da terra às escondidas e o sujeito em casa a beber ou numa raiva muda contra ignoro qual inimigo, alguns acabaram no poço ou enforcados na

trave do galinheiro a baloiçarem devagarinho, um pé calçado, o outro descalço e a criação a bicar o sapato em movimentos bruscos, sou eu que tomo conta do jazigo do primo da minha mãe no cemiteriozito pegado à primeira colina da serra desde que ela faleceu, com tantos pinheiros a segredarem devagar encosta acima e pássaros e arbustos ao sol, tão mansos, tão suaves que se chega a invejar os defuntos, e lá estão ambos, o pai branco e o filho preto, para além de dois ou três parentes mais antigos que desconheço quem pudessem ter sido

(espero que oiçam igualmente os pinheiros e os arbustos ou pelo menos o vento à noite a raspar, a raspar)

desse reduzidos a fotografias pouco nítidas

(viveram quando?)

de moldura quebrada, suspensos de um prego, tortos nas paredes, criaturas velhas a que ninguém presta atenção

(se calhar o que escuto à noite são eles a queixarem-se de não poderem ser terra)

conforme ninguém se lembra já do que sucedeu há dez anos na altura da matança do porco, quando o filho preto assassinou o pai branco com a faca ainda cheia de sangue do animal, não outra faca, a mesma faca e a mesma faca pareceu-me que para ele outra faca muito antiga, ia jurar que na sua cabeça outra faca muito antiga, o filho preto a gritar ao pai branco

– Lembra-se do que fez lembra-se do que fez?

tentando prender-lhe as pernas depois com a corda com que prenderam o porco até os homens, num torvelinho de encontrões e pontapés, o empurrarem, o agarrarem, o estenderem no chão, lhe quebrarem os ossos, lhe esmagarem a nuca com o machado, lhe furarem o pescoço, o peito, a boca, o ventre, o deixarem ao lado do pai branco sob o porco, quase sem sangue, que gemeu até a última gota tombar no alguidar e ficarem os três sozinhos na adega enquanto de repente março batia os caixilhos da janela aberta.



1

E esta noite, conforme tantas vezes desde há quarenta e três anos, tornei a sonhar com África, não ataques que começavam sempre pela metralhadora a que os soldados chamavam costureirinha a cantar junto à pista, ou seja nos cem metros de terra batida onde o aviãozito pulava, nem emboscadas nem minas, apenas eu sozinho junto ao arame farpado a pensar em Lisboa, a ver o rio, os barcos, as casas

(telhados e telhados)

da janela da sala dos meus pais, os pombos a voarem à roda da igreja, a minha mãe na cozinha

– Rapaz

para que eu lhe abrisse a tampa do boião de compota

– Tem paciência não consigo

e o tanque de lavar roupa na marquise, o alguidar cheio de camisas de molho, um vestido dela, dois vestidos, no arame do estendal, a oficina do senhor Abílio, gaivotas ao fundo e nisto Angola apenas com um milhafre quieto no alto, nisto eu acordado

– Onde estou?

demorando tempo a entender que aqui e acabou-se a guerra, acabou-se a guerra, a minha mulher palpano a mesinha de cabeceira até o despertador

– Tão tarde?

Lhe aparecer na mão, não a rapariga que durante vinte e sete meses namorei por carta, exactamente aquela com quem casei e que não era bem esta, de restos de maquilhagem pedindo

– Não me deixes

nas bochechas desprotegidas dos óculos, tristes, daqui a nada vou encontrar um algodão com vestígios de pintura esquecido no lavatório junto à pasta de dentes cheia de amolções na extremidade da rosca

(não me lembro de uma pasta de dentes por estrear, que a gente fura com um espigãozinho, do copo com as escovas, a tua, a minha e uma outra, meio calva, que de certeza te pertenceu porque largo as minhas no balde, adoro carregar na patilha cromada e ver aquilo abrir-se numa energia súbita)

e que se vai mumificando ali, a minha mulher pelas sobrancelhas subidas, não pela boca, sempre a mirar o relógio

– Tão tarde

enquanto um pelotão nos entrava no quarto de regresso da mata, indiferentes a mim, com a barba por fazer, exaustos, alguns arrastando as coronhas apesar de eu, a endireitar franjas

– Cuidado com o tapete

e a desaparecerem no barraco de madeira e zinco do quarto enquanto o alferes conversava em voz baixa com o capitão designando qualquer coisa para além da sanzala sobre a qual flutuavam condores, cinco, seis, e a ordenança da messe, que morreu há uns tempos derivado a um ataque, a minha mãe

(a ordenança da messe, Bichezas, Bichezas)

agitava pratos tortos de alumínio no cubículo a que chamávamos cozinha, a minha mulher, mais inteligente atrás dos óculos

– Tomas banho primeiro ou vou eu?

e portanto cada pestana uma pata mas os olhos não corriam cara fora, escapando um do outro com receio de mim, fitavam-me dava ideia que com alarme

– Detesto quando me espreitas desse modo

talvez na sua cabeça de uma forma demasiado brusca porque

– Desculpa

com a boca a tremer um bocadinho e que horror a boca a tremer um bocadinho, se ao menos eu conseguisse ter pena, conseguisse sorrir-te, pegar-te no queixo sei lá, beijar-te a testa por exemplo mas não sou capaz, desconheço o motivo mas não sou capaz, o alferes que veio da mata estendido na cama observando o tecto sem pensar em Lisboa, nem rio, nem barcos, nem casas, nem telhados, ao darem a volta na igreja, em bando, os pombos mudavam de cor, para longe negros, para aqui brancos, se caminhavam no passeio entre as esplanadas, de mãos atrás das costas, era a alavanca do pescoço que os fazia deslocarem-se, amanhã vou à adega com os meus filhos para a matança do porco, lembro-me desde criança de homens cobertos pelos gritos de lágrimas do animal e pelo sangue, lembro-me de querer escapar e do meu pai obrigando-me a permanecer ali prendendo-me os ombros, desgostoso enquanto eu vomitava

– Queria um macho e deram-me um Fernandinho

o Fernandinho vestido de mulher à noite quando os ciganos acampavam no pinhal, rondando-lhes as carroças, um dia encontraram-no de cabeça esmagada por uma pedra e ninguém teve culpa, o cabo da Guarda empurrou-o com a bota

– Acontece

a mãe dele e o padre atrás do caixão, era agosto e chovia, recordo-me da sombrinha da mãe e da outra, maior, com que o sacristão protegia o abade, foram eles que deitaram a terra dado o senhor Herculano cujo trabalho era ocupar-se dos mortos não ter aparecido, por sorte havia sempre duas sepulturas abertas à espera de clientes de modo que as pessoas a mirarem-se de banda

– És tu quem vai ser o inquilino?

ou a espreitarem para dentro de si mesmas, a medo

– Serei eu?

os finados que de madrugada bebem água no poço, uma ocasião ao vir ao quintal urinar encontrei um velhote de lama na cara a sorrir-me, verifiquei pelo postigo antes de me deitar de novo e ninguém, o primeiro porco ainda hoje não se cala em mim, o meu pai ao começarem a retalhá-lo

– Podes ir maricas

a minha mãe julgando consolar-me a aquecer uma caneca de leite

– Deixa lá é a vida

quantas vezes em Angola a seguir às emboscadas a sua voz aqui dentro

– É a vida

e era a vida de facto, era a vida, o Espinheira de intestinos ao léu era a vida, o barraco onde esperavam os caixões vazios era a vida, quatro ou cinco Fernandinhos de bruços na picada eram a vida, se ao menos o capitão me aquecesse uma caneca de leite a repetir igualmente

– Deixa lá é a vida

de palma quase no meu cabelo, a arrepender-se, a afastar-se, o Fernandinho nunca falou comigo, mirava-me de longe com duas línguas que me lambiam no lugar dos olhos, eu a limpar com a manga o seu cuspo das minhas bochechas, a examinar a manga a seguir estendendo-a à minha mãe

– Lave-me isto

e o meu pai da mesa do jantar a aprovar-me, não se mexeu nem mudou de expressão mas a aprovar-me consoante aprovou em Angola todos os porcos que matei e se alegrou com os gritos, o sangue, as tripas, ele de boné aos quadradinhos no meio dos soldados, encostado ao sacho

– O meu filho

interessado pelas espingardas, a bazuca, o rádio enquanto se começava a ouvir ao longe o helicóptero das evacuações que chegou rente às árvores para escapar aos turras, a minha mulher, de toalha de banho com um nó à frente de modo a esconder o peito que desde há meia dúzia de anos a envergonhava, hesitando como sempre entre dois vestidos diante do armário aberto, nisso ao menos não mudaste nunca

– Este ou aquele?

com a mala, trazida da despensa, em cima da cama para lhe dobrar dentro a roupa que levaríamos por causa do fim de semana na aldeia e da matança do porco, a casa dos meus pais, apesar de eu lhe haver acrescentado um quarto visto que somos muitos, nós, o meu filho e a mulher, a minha filha que não casou nunca e nasceu dois anos depois de Angola, parecida com a minha avó, silenciosa, séria, apenas lhe faltava o banquinho do croché e o azedume, até a água dos ossos já começava a entortá-la enquanto os soldados montavam a segurança para o helicóptero no capim e acho que nenhuma antipessoal agora, nenhum estrondo, nenhum nevoeiro de pó, nenhum

– Meu alferes meu alferes

do chão, nenhuma perna ausente a doer, olhais de bota cravados nos outros, o doutor que os arranque

– Calado maricas

quando a gente voltar, o enfermeiro que não se entendia com os garrotes, não se entendia com as compressas

– Acalma-te acalma-te

e eu mudo

– Acalma-te

eu mudo, a minha mulher colocou um dos vestidos diante do corpo

– Que tal este?

depois de erguer a persiana o sol no quarto com metade da cómoda iluminada por uma fotografia nossa e uma rosita a desmaiar

num solitário em cima, uma pétala pálida, solta, tremia num naperon, a quantidade de coisas que eu, se me desse para aí, podia dizer sobre as rosas, talvez um dia quem sabe, um dos meus sapatos de lado, o outro, direito, muito mais vazio que o de lado, será que por acaso tenho o pé direito maior que o esquerdo, quem não é assimétrico, vistos do alto à primeira mirada não parece, eu para a minha mulher, sem reparar no vestido

– Está óptimo

pensar em rosas que alívio, rosas, carrosséis, chupa chupas daqueles de pauzinho, devia comprá-los com o pretexto de, por exemplo, querer livrar-me do cigarro, uma desculpa que todas aceitam desde, claro, que não dêem com o pauzinho no cinzeiro, o metamos no caixote da cozinha

– Até o quarto empestas
a minha mulher, magoada

– Nem levantas o nariz dos pés e garantes que está óptimo há séculos que te desinteressaste de mim

as pás do helicóptero despenteando-nos a todos, o piloto a fazer sinais de

– Depressa depressa

derivado ao inimigo nas redondezas, o capim inclinado para longe a vibrar, um ferido, dois feridos, três, não dois feridos somente, bocas movendo-se sem som, se ao menos a boca da minha mulher se movesse sem som quando se alonga em histórias compridíssimas que se interrompem de súbito numa pergunta desconfiada

– O que é que eu disse?

e se eu fosse o homem que o meu pai desejava respondia

– Nada de jeito

enquanto o helicóptero, levantando-se, curvava sobre as copas, quase rente a elas, na direcção do arame farpado a dez ou quinze quilómetros daqui transportando aquele que sou agora para longe de mistura com os feridos, um deles a insistir

– Quando o meu avô souber mata-se quando o meu avô souber mata-se

e o segundo a rezar sem descanso

– Avé Maria cheia de graça o Senhor é conVosco

de dentes brancos nos lábios brancos, o enfermeiro a molhar-lhes a boca e a água a escorrer para o pescoço, a deter-se num tendão, a sumir-se na axila, o enfermeiro

– Aguenta-te

demasiado ocupado para chorar, todos a sacudirem-se atrás do piloto de macaco azul com o mecânico ao lado, todos a escorregarem por fora e no interior de si mesmos perguntando-se que é do ar de respirar, que é da minha voz que a não oiço, quem fala na minha garganta, quem se queixa de frio, a minha mulher para mim, de mala fechada

– Queres sair daqui a pouco ou tenho tempo de dar um salto ao cabeleireiro a disfarçar as raízes?

empregadas de meias de descanso e socas porque um dia inteiro em pé mói e ainda que disfarçando-te as raízes

Salão Nova Onda

não te disfarçam o tronco, nem a barriga, nem as nádegas, nem as peles debaixo do queixo que badalam, badalam conforme as costas se encaracolam, o cabo que falava no avô vai morrer, a minha mulher a verificar-se no espelho da entrada depois de acender a tília prateada do tecto, a compor a nuca com a concha cautelosa da palma, a aperfeiçoar as têmporas com o mindinho, a recuar e a avançar um centímetro, de óculos desiludidos em que até a armação de plástico ficava mole e o hálito das pupilas embaciava as lentes, a minha filha, com trinta anos, já parecida com a mãe, as mesmas dioptrias conformadas, os mesmos passos cheios de ancas que não ligam umas com as outras, ao mesmo tempo gordas e ossudas, cartilagens diferentes das nossas, enormes, de boi de arrozal, em que cada pata uma cadência diferente, quando a vejo caminhar procuro sempre um chinês invisível,

de chapéu cónico, por trás dela, picando-a com uma vara, filha filha filha filha filha, até ao entrares lá em casa trazes o chinês contigo que bem o sinto sorrir sobre o teu ombro, calado, secreto, amável, já não se escutava o helicóptero e no entanto, dentro de mim, as Avé Marias não cessaram ainda consoante não cessou a mão estendida

– Não me deixe morrer meu alferes

consoante as rezas prosseguiam e eu espantado

– Quantas bocas tens tu?

até compreender que temos várias ao mesmo tempo falando, falando, a insistirem não apenas na oração, no medo

– Não me deixe morrer

e eu ganas de responder-lhe

– Quero paz agora

não dentro de mim, em voz alta

– Quero paz agora

e a minha mãe e a minha filha a fitarem-se, quero paz agora, não me maces que tenho de ir à aldeia pelo porco, desde que saí de casa dos meus pais, tirando o tempo em África, vou sempre à aldeia pelo porco que começava a gritar, ainda intacto, mal o pendurávamos no gancho depois de o atar, as pestanas dele transparentes, as patas amarradas, o focinho

– Bendita sois Vós entre as mulheres

bendito é o fruto do Vosso ventre, Jesus, o comandante do batalhão para o padre, a escolher uma faca verificando-lhes as lâminas

– Não esta não aquela nem afiá-las sabem

enquanto amarrava melhor os tornozelos do bicho

– Suma-se daqui capelão que o espectáculo não é para saias

e o capelão a afastar-se do prisioneiro numa bençãozinha disfarçada, isto na penumbra da adega com os alguidares do sangue por baixo que era preciso ir mexendo com uma colher não de metal, de pau, a minha mãe nódoas vermelhas no avental, na blusa, nos braços, a única mulher com a gente, de algodão nos ouvidos, a fingir que

não escutava as rezas mas estremecendo com elas, quem me garante que a caneca de leite que me entregava ao pequeno almoço não ia servir depois para recolher o meu sangue, põe-me os garrotes depressa enfermeiro, chamem o helicóptero, levem-me para Portugal porque a seguir a esta mata Lisboa, esplanadas, pardais, igrejas, os patos bravos no rio, tantos pretos a venderem bugigangas, pulseiras, anéis, girafas de pau, em que cantina as compraram, o comandante a entregar-me a faca

– Mate-o

menos difícil de entrar do que eu imaginava e o cabo das Avé Marias calado, não berros, calado, um dente sobre os lábios oblíquos, os olhos a recuarem nas pálpebras, tão longe, qualquer coisa de coisa nele embora respirasse ainda e o qualquer coisa de coisa apagando a pouco e pouco o que sobrava de gente, não ajoelho senhor padre, largue a saia e endireite-se de pé como os homens enquanto a minha mulher e eu no automóvel, não no unimogue, a que chamávamos burro do mato, em que ela nunca andou nem nunca viu nenhum, o general proibiu esposas em África, a caminho da aldeia

– Barba rija

dizia ele

– Barba rija

agora mais abandonada, com tantas casas desertas, uns velhos, uns cães, uns cabritos e umas galinhas nas ruas quase sempre vazias e o falar só dos ulmeiros sobre as nossas cabeças que me acordavam, encolhido de medo, no inverno, à noite, quando eu era pequeno, pedindo-lhes

– Não me levem para a serra

em que a minha avó contava que lobos, milhafres, desses que roubam pintos, os comem num buraco de rocha e eu tão leve, meu Deus, não mencionando os ciganos, graves, solenes, todos de pedra, acorados em torno de uma fogueira a cuspirem tabaco e a falarem estrangeiro, ao chegarmos ao arame farpado o capitão mandou chamar o guia

– Para onde os levaste sacana?

e os milhafres da serra em Angola, também sobre a sanzala em torno e lá estava o cemitério na primeira, o guia

– Capitão capitão

encosta antes da montanha, a tentar embrulhar-se todo nos braços

– Capitão

o cafezito no largo, homens de boina, um deles

Senhor Idalécio

com a manga do casaco vazia porque um andaime deu de si quando trabalhava nas obras em Lisboa, juntinhos à sombra de um muro assoando-se a lenços difíceis de puxar do bolso, intermináveis, sujos, uma cabra a balir perdida, a escola em que andei hoje duas paredes mas o sítio de fazer chichi, quem me conta a razão, quase intacto, a minha mulher, que nunca gostou da aldeia, calada, tal como o guia calado quando o capitão

– Perguntei-te para onde os levaste sacana

voltando a pistola ao contrário e esmagando-lhe a coronha na cara, o camuflado dele diferente do nosso, quase sem cor, mais rasgado, um cotovelo magro ao léu, um joelho magro ao léu, praticamente nenhum botão, um pedaço de mandioca na algibeira, nenhuma razão de combate, como nós, na bolsa das calças, o capitão um pontapé no guia, dois pontapés no guia

– Levanta-te sacana

e a calcar-lhe a barriga, o peito, o ombro, relâmpagos ao longe aproximando-se da gente, como sempre de leste, e nenhuma chuva enquanto o guia a pedir

– Capitão capitão

dobrado sobre si mesmo, de mãos postas

– Capitão

com um colarzito de missanga ao pescoço que um dos meus furiéis arrancou num puxão, a minha prima, que tomava conta do nosso jazigo, acenava da porta dos meus pais acompanhada pela filha de

nove ou dez anos, sei lá, também ruiva, também gorda, envergonhada de nós, a tentar esconder-se-lhe no interior do avental, se eu tapar os olhos e não os vir não me vêem, a minha prima a empurrá-la

– Quieta

usando a bata do costume, os chinelos do costume e o carrapito do costume, o sorriso parecido com o do meu pai que não sorria quase nunca mas quando fiz o exame da quarta classe sorria e chorava a apertar-me na barriga, a afogar-me e o relógio de aço do colete aleijou-me a testa com o fechozinho da tampa, andei uma semana com um risco neste sítio, as calças e o casaco dele não ligavam e cheiravam a armário, basta-me ver uma bola de naftalina para me lembrar de você e do retrato dos meus avós numa moldura de malmequeres de loiça, alguns quebrados, onde o meu avô sentado, de gravata oblíqua e uma das pontas do colarinho para cima e a minha avó por trás dele com os dedos nos seus ombros, ambos vestidos de domingo, ambos solenes, aflitos, à frente de uma paisagem nórdica, cheia de neve e renas, não mencionando o garrafão de revelador ao lado a prejudicar o Pólo Norte, recordo-me dela a bater uma colher na lata do milho chamando a criação e os frangos a pularem-lhe em torno, ao meu avô um vizinho transformou-o em dois com a enxada derivado a um problema de, o capitão, de regas, o capitão para o guia

– Entregaste-os aos turras sacana

e o céu cada vez mais negro, os relâmpagos cada vez mais próximos, uma espécie de noite sólida, de ardósia, sobre nós, a quebrar-se em labaredas instantâneas, o mastro da bandeira desapareceu em cinza, uma árvore, outra árvore, tudo isto sem chuva por enquanto, enxofre e magnésio apenas, a terra instável, o capim em pânico, o vento a derrubar cubatas, o capitão, de joelhos sobre o guia, subindo e baixando a coronha da pistola, sob os trovões, indiferente a eles, a gritar sempre

– Entregaste-os aos turras entregaste-os aos turras

lacerando-lhe a maçã de Adão, as bochechas, o queixo, o peito e eu quieto à sua esquerda debruçado para ele, eu de pistola igualmente a bater, a bater, a bater mãe, eu a bater, a acordar ao lado da minha mulher, suado, exausto e apesar de suado e exausto a adormecer de novo para bater mais, eu na aldeia a sorrir à minha prima e à filha que começara a chorar, a minha prima sem entender

– O que te aconteceu miúda?

a minha prima

– Até parece que te estão a fazer mal

enquanto eu batia, batia, a minha mulher examinando o quarto

– O armário está cheio de pó é melhor deixar a roupa na mala além do armário uma cama, a lâmpada sem abajur suspensa do tecto com um moscardo no fio, a minha mulher a espreitá-lo de banda

– Mal comece a voar às cambalhotas fujo daqui a correr

o quintal por cuidar, a horta ao abandono, janelas empenadas, aquela tábuia do soalho quase solta e se calhar ratos, se calhar cabras

– Fujo a correr

e de certeza a noite inteira os grilos impedindo-me de dormir, a casa não era assim conforme a aldeia não era assim, não tanta ruína, tantos cães esqueléticos, tanta casa abandonada, tanto vento nas ruas, tanto eco dos nossos passos de parede em parede, o avental da minha mãe num prego da cozinha, se lhe tocasse a sua voz

– Já cá não estamos há uns anos filho

a minha voz de antigamente a responder

– Para onde foi senhora?

o suspiro dela não sei onde

– Às vezes andamos por aí

e por aí em que sítio se não estavam junto ao poço nem no olival que herdaram da madrinha, quase na aldeia seguinte, quer dizer metade na aldeia seguinte e metade na nossa, uma dúzia de oliveiras se tanto rodeadas de um murito de pedra cor de abóbora que nin-

guém saltava, espero que uma pessoa qualquer recolha as azeitonas de mistura com os pássaros, a buganvília do Fernandinho, seca, a chocalhar guizos chochos, a porta dele aberta para um compartimento onde gatos e sombras, a minha mulher limpando uma cadeira, com o que devia ter sido uma vassourita, antes de sentar-se

– Até domingo o que não falta

e até domingo o que não falta realmente, os milheiros da serra a planarem, o meu pai a fumar no degrau da cozinha, ao fim do dia, riscando no chão, armado de uma cana, traços paralelos que desfazia com a bota e riscando-os de novo sem olhar para mim, a minha mãe de costas para nós colocando tachos no fogão e tirando não sei quê das prateleiras, às vezes equilibrada num tripé para chegar mais acima, apertando as costas com a palma, ainda com uma nuca de rapariga nova, ainda de omoplatas direitas embora a cintura, embora as pernas, embora os tornozelos que inchavam e eu com saudades de vê-la correr nos tomateiros desafiando-me

– Não me apanhas

e mesmo se os atravessasse em lugar de contorná-los não conseguia apanhá-la, de quando em quando quase lhe alcançava a saia e escapava-me, voltava-se a rir para mim

– És tão desajeitado

e distanciava-se de novo até me agarrar pela cintura e me subir ao nível dos seus olhos, não castanhos consoante eu

– Já cá não estamos há uns anos filho

imaginava, mais claros, pontinhos verdes e pontinhos amarelos que a cercadura das pestanas tornava doirados, um sinal junto à narina direita, a pele dela de repente sem pregas, lisa

– É quase da minha idade você

ela a poisar-me no chão

– Tomara eu

e a esquecer-se de mim, lembrava-me sem motivo, abandonava-me sem razão e eu desiludido por não existir de repente, sem lugar

na família, sem lugar entre eles, quais são os meus parentes a sério, pertenço a quem, um indicador a desarrumar-me o cabelo

– Pertences-me a mim patetinha

e eu tão contente com o

– Patetinha

palavra, contente de lhe pertencer como a caixa de costura ou o colar que foi da sua tia, fechado à chave porque

– Nunca se sabe

na gaveta da cómoda, de modo que se me fechasse à chave com ele, apesar do escuro lá dentro e só Deus e eu conhecemos as ameaças do escuro, palavra de honra que talvez gostasse, julgo que gostava, gostava, o meu pai a piscar-me o olho

– Queres fazer dele um maricas?

a minha mãe sem se escandalizar

– Quero

baloiçando-me para um lado e para o outro, comigo ao colo a desafiar o meu pai

– Gostava dele mesmo que fosse um Fernandinho

que quando a mãe não estava, contaram-me, se entretinha a provar a roupa dela, punha atrás de cada orelha duas lágrimas de perfume, demorava-se ao espelho a oferecer-se carícias, o Fernandinho mais novo que o meu pai dois ou três anos, mais pequeno, mais delgado claro, se ao meu pai lhe apetecesse estrafegava-o só com uma das mãos, a mim não me fez mal nunca, era seu filho

– O meu rapaz

eu para ter mais a certeza, isto com catorze ou quinze anos

– Não era pai?

e ele de súbito diferente, parecido com a minha mãe que esquisito

– Continuas a ser rapaz

quando aleijei o pé levou-me ao colo até ao canto oposto da aldeia para que o ferreiro, que aprendeu ossos na tropa, me emendasse aquilo

até se ouvir um estalinho e nada me doía já, capaz de pulos palavra, voltei a trote com uma pirueta a cada vinte passos, alegre, a chamá-lo

– Olhe para mim senhor

com pena apesar de feliz, é possível ter pena e ser feliz ao mesmo tempo, não ser dois e conseguir ver-me igualmente, que bonitas as trepadeiras, que bonitos os choupos, que bonito tudo, não vou morrer um dia, prometo, nem envelhecer que palermice, fico o vosso rapaz para sempre mesmo que o avental no prego da cozinha me garanta

– Já cá não estamos há uns anos filho

a minha voz de outrora, que palavra mais linda, outrora, a perguntar-lhes

– Para onde foram meu Deus?

o suspiro deles ignoro onde

– Às vezes andamos por aí

e por aí em que sítio digam-me, proíbo-os de se calarem ou se afastarem de mim, pela vossa felicidade não se calem, tenho cinquenta e quatro anos e vocês trinta ou isso e portanto sou eu quem manda hoje, fui alferes, estive na guerra, proíbo-os de me escaparem, quero-os neste sítio para a matança do porco e por conseguinte interrompam os riscos no chão e o jantar na cozinha, dêem uma cadeira em condições à minha mulher, tirem aquele besoiro do quarto, nada de grilos lá fora, nada de cobras na horta, a casa limpa já, a pagela do Sagrado Coração, de vidro da moldura com racha, no prego em anzol outra vez, pai mãe eu, pai mãe eu, pai, mãe eu, não vos escrevi muito de Angola, desculpem, não era possível dizer e depois a minha caligrafia, a minha preguiça, a minha falta de tempo, estou a mentir, tive montes de horas quando não saía para a mata, tardes a fio na cama a contemplar o tecto, de espingarda contra a cabeceira e nem precisava de a limpar, mandava os soldados, tornando às aldrabices acerca das cartas não desejava preocupar-vos, encontrei-as todas na aldeia dentro de uma lata de bolachas, quase rasgadas nos vincos, estou óptimo, não

há problemas, um beijo à mãe e um abraço de homem para homem, claro, somos grandes os dois, ao pai, sobretudo nada de choradeiras por favor, vim macho da guerra que aliás, contra o que alguns juravam, não era assim tão perigosa, mais férias que outra coisa, uma viagem de barco e depois um safari, bichos etc, quase um passeio, um descanso, um morto apenas num acidente de camioneta que acidentes há por toda a parte e foi assim, um magala que se aleijava de tempos a tempos mas sem grandes problemas, uns quantos pretos postos na ordem e ponto final e enquanto mandava estes rebuçados para Lisboa a chuva uma espécie de noite sólida, de ardósia, cada vez mais pesada, cada vez mais baixa, sobre nós, já não relâmpagos, os relâmpagos afastando-se no capim, a chuva apenas, a minha prima designando-me à filha que se lhe colava à cintura

– Cumprimenta este senhor que é quase teu tio
a filha escondendo o nariz nas pernas da mãe

– Não quero

e fizeste bem em não querer garota, fizeste bem porque eu ocupado a auxiliar o capitão a levantar-se de sobre o guia morto que ele continuava a insultar

– Sacana

desejoso de matá-lo mais

– Quero matar-te mais

pontapeando-lhe o camuflado em tiras, as canelas, o que sobrava das botas de lona, os braços sem carne, a cabeça onde não se distinguem feições, um dos pés maior que o outro como os tenho agora, o pedaço de mandioca, que não comeria, a escorregar-lhe das calças juntamente com um resto de peixe seco, já podre, o que aqueles estômagos suportam senhores, sangue que a chuva dissolvia até que nenhum sangue, nenhum homem na hipótese de ter sido um homem, um ângulo de cartilagem desfeita na hipótese de ter sido uma cartilagem a espreitar de um pescoço de lama e o capitão

– Sacana

a esvaziar-lhe, bala após bala, o carregador da pistola em cima, gritando pela última vez

– Levaste-os aos turras

quase amparado a mim, exausto, murcho, a vomitar aos arrancos, a vomitar-se a si mesmo equilibrado no meu ombro, de joelhos bambos, prestes a escorregar de si, a escorregar de mim, a insistir com o guia

– Cumprimenta este senhor

não, a minha mãe

– Já cá não estamos há uns anos filho

não, o capitão a levantar-se a pouco e pouco

– Chama duas praças e enterrem-no onde acaba a pista

de súbito mais novo que a filha da minha prima, mais indefeso, mais fraco, mais escondido de si mesmo e de mim, o capitão agora de joelhos, agora de cócoras, agora de pé a afastar-se ao acaso julgando que se dirigia para o que chamávamos messe, um barraco metade de tijolos e metade de pranchas, com a mesa torta onde os cinco oficiais que éramos comiam e jogavam a sueca numa mesa feita de tábuas de barrica, instalados em cadeiras feitas de tábuas de barrica também e um telhado de placas onduladas de zinco, presas à matroca, que vibravam ao vento e até à menor folha que tombasse nelas, a messe na qual, depois de jantarmos às cinco e meia a fim de aproveitar a claridade do dia uma vez que às seis, sem transição, quase sem crepúsculo, subitamente noite

(como escrever acerca disto numa carta aos meus pais?)

e nós sombras, menos que sombras, pobres fantasmas imóveis à espera que o primeiro tiro, o primeiro jacto de metralhadora, o primeiro morteiro tombasse no interior do arame a fim de corrermos no chão não de terra, de areia, berrando ordens, verificando se o pessoal nos abrigos a dar fogo ao acaso e como se põe esta monstruosidade numa carta pai, mãe, o medo, os feridos, como se consegue explicar isto, digam-me, como se pode insistir nisto eu que devia calar-me

e continuar calado para sempre apesar do psicólogo no hospital, às quartas feiras, juntamente com outras marionetas que não conhecia, antigos oficiais tão mortos quanto eu e o psicólogo a insistir que falemos, falemos, o psicólogo que não entende e afirma que entende, mais novo que nós, crescido já sem guerra, nem África, nem cadáveres, julgando escutar-nos sem escutar o vento, nem a chuva, nem as explosões, nem as Avé Marias dos feridos, nem o cheiro dos moribundos, o psicólogo passada uma hora

– Encontramo-nos na próxima quarta feira senhores

para os velhos que quase somos agora, não para os quase meninos que éramos então, eu que preciso de deitar-me na cama dos meus pais, no meio deles, que a minha mãe não consente e portanto eu para lá da pista de aviação a tropeçar nas ervas, com as duas praças, cada qual com a espingarda e uma pá e os destroços do guia, eu a palpar capim com a bota

– Aqui

meia dúzia de palmos abaixo das solas, para quê mais, meia dúzia onde talvez uma hiena o fareje e tente levantá-lo antes que Angola coma tudo e come tudo de imediato consoante me comeu a mim, a minha mulher

– Em que estás a pensar?

comigo respondendo, nesta casa de aldeia onde agora só nós dois existimos, que não estou a pensar em nada, juro, a pensar em nada, limito-me a fazer riscos no quintal com um pauzinho, a apagar os riscos e a fazê-los de novo olhando para ti sem te reconhecer, a reconhecer-te a custo, a sorrir um sorriso quase terno, garanto, que nem me custou muito, a minha mulher surpreendida comigo

– Há quanto tempo não te via feliz

deitando-se ao meu lado

– Devíamos estar mais vezes na aldeia faz-te bem

e eu não a responder-lhe, a acenar que sim ou seja concordando sem as palavras que me faz bem a aldeia, porque não concordar acei-

tando que me faz bem a aldeia, nada me faz tanto bem como a aldeia, é verdade, apesar dos sacanas destes cães esfomeados, de meia dúzia de velhos, a maior parte de boina, mirando-me em silêncio, abrigados num muro, de uma cabra solitária a coxear travessa acima de chocalho ao pescoço que já não toca, enquanto eu para as praças distinguindo-as mal, distinguindo-me mal a seguir à pista de aviação

– Vamos lá a cavar depressa que não tenho a noite inteira

sob o céu agora limpo, não de ardósia, transparente, com um vapor de nuvens quietas sobre mim, constelações que não são as minhas no alto, presenças que ignoro ou seja aquelas que circulam por aí repetindo em silêncio o meu nome e pirilampos, silvas, o eco dos ulmeiros, água a correr não sei onde acrescentando mais silêncio ao silêncio, ao regressarmos da pista de aviação nem uma luz no arame, nem um som, os soldados desapareceram com as pás na direcção das barracas de lona a que chamávamos casernas, demorei a encontrar a espécie de cabana onde os oficiais dormiam com a cama do capitão separada da nossa por esteiras e a enxerga dele a insistir

– Sacana

a insistir

– Sacana

a insistir

– Sacana

de modo que agora, como os meus pais andam por aí, principiei a escrever-lhes esta carta feita de riscos no chão.

